

## O que pensam os alunos sobre a avaliação?

Leonor Santos e Jorge Pinto

Pareceu-nos indispensável que numa revista temática sobre avaliação houvesse também um espaço reservado para dar a “voz aos alunos”. Já que a avaliação é um processo que envolve diversos actores e os alunos são uma das partes directamente envolvidas, esta voz, habitualmente menos considerada quando se fala de avaliação, é um contributo indispensável para se reflectir e compreender a avaliação na sua complexidade.

Sem qualquer intenção de generalização, procurámos recolher a opinião de alunos de diversos anos de escolaridade, incidindo nos anos terminais de cada ciclo, à excepção do 12º ano, dadas as suas condições particulares, substituído pelo 11º ano.

Considerámos, ainda, alunos com diferentes níveis de aproveitamento e em contextos geográficos distintos, nomeadamente cidades do interior e do litoral.

Foram colocadas aos alunos cinco questões, em situação presencial e por uma outra pessoa que não o/a seu/sua professor(a) de Matemática. Antes porém, foi-lhes explicado qual a razão porque estavam a ser questionados e a finalidade das suas respostas.

A riqueza da informação recolhida levou-nos a apresentar nesta revista apenas as respostas obtidas a duas perguntas que considerámos que poderiam ter mais interesse neste espaço e que são:

- Quando ouves falar de avaliação, qual a primeira ideia que te vem à cabeça?
- Como é que achas que o teu professor de Matemática chega à nota de final de período?

O formato escolhido para apresentar este pequeno estudo foi o de caixas. Cada caixa que vai aparecendo ao longo da revista, trata as respostas dadas a cada uma das questões por ano de escolaridade. Haverá ainda uma, no final do tratamento de cada pergunta, que sintetiza os aspectos mais relevantes.

Para que este trabalho fosse possível contámos com a colaboração de Adelina Precatado, Albano Silva, Fátima Mendes, Luís Reis, Lurdes Serrazina, Maria Manuel Nascimento e todos aqueles colegas que com eles trabalharam, a quem desde já agradecemos a colaboração imprescindível.

## O que pensam os alunos sobre a avaliação?

### **Quando ouves falar de avaliação, qual a primeira ideia que te vem à cabeça?**

**(4º ano de escolaridade)**

Rapaz (4º ano/Vila Real/Bom)

*Fico um bocado assustado e vou logo estudar. Um bocado assustado não, mas preocupado porque quero tirar boa nota.*

Rapariga (4º ano/Vila Real/Com dificuldades)

*É assim, que tenho que estudar para tirar boas notas para passar para o 5º ano; que tenho que me esforçar para, se saírem exercícios mais difíceis nas fichas, eu saber responder.*

---

Rapaz (4º ano/Portalegre/Bom)

*Penso que é difícil.*

Rapariga (4º ano/Portalegre/Com dificuldades)

*Com a avaliação dá para ver se a gente passa ou não.*

---

Rapaz (4º ano/Porto/Bom)

*Fichas de avaliação de conhecimentos das matérias.*

Rapariga (4º ano/Porto/Com dificuldades)

*Fichas que se fazem nas aulas.*

---

Rapaz (4º ano/Lisboa/Bom)

*Resolver problemas, contas, reduções, numeração romana.*

Rapaz (4º ano/Lisboa/Com dificuldades)

*Penso que é difícil. Que vou fazer muitas contas: contas no quadro e na folha, números, numeração romana ... muitas coisas...*

---

Perante as respostas obtidas podemos dizer que existe um conjunto de ideias diferenciadas sobre a avaliação. Condições para o sucesso, como a necessidade de estudar; os procedimentos, a natureza das tarefas e os instrumentos de avaliação; e as funções da própria avaliação, controlo do saber, são as ideias que emergem mais claramente. Ainda que de forma mais ténue, são referidos alguns sentimentos associados à avaliação, “assustado”, “difícil”, independentemente do nível de rendimento do aluno.

Neste ano de escolaridade, as ideias construídas pelos alunos em termos de avaliação parecem estar articuladas com a imagem e as experiências de avaliação que o próprio professor proporciona aos seus alunos, uma vez que independentemente da região, do estatuto ou do sexo, os alunos de um mesmo professor tendem a dar o mesmo tipo de respostas, embora as expressem naturalmente de forma diversa.

## O que pensam os alunos sobre a avaliação?

### **Quando ouves falar de avaliação, qual a primeira ideia que te vem à cabeça? (6º ano de escolaridade)**

Rapaz (6º ano/Vila Real/nível 5)

*Penso que vou ser avaliado; que me vão falar de avaliação ou que me vão dar a ideia da nota, conforme o trabalho que estou a fazer nas aulas.*

Rapariga (6º ano/Vila Real/nível 2)

*Como é que era a avaliação.*

---

Rapaz (6º ano/Portalegre/nível 5)

*Sei lá! Estudar, obter melhores notas.*

Rapariga (6º ano/Portalegre/nível 3)

*As notas.*

---

Rapariga (6º ano/Porto/nível 5)

*Fichas de avaliação de conhecimentos em matérias.*

Rapariga (6º ano/Porto/nível 2)

*A avaliação é uma nota na qual nós vamos ter uma ideia da forma como nos comportamos durante o período e o que percebemos da matéria e as notas dos testes.*

---

Rapariga (6º ano/Lisboa/nível 5)

*Nota final.*

Rapaz (5º ano - repetente/Lisboa/nível 3)

*Notas e de escrever o quanto deveria merecer no fim do período.*

---

Ao nível do 6º ano, embora verificando-se uma certa diferenciação no modo como os alunos se expressam, há uma forte tendência para uma polarização em redor da relação avaliação/notas. Podemos dizer que a avaliação, independentemente do que seja, gera notas e estas têm consequências na progressão ou transição de ano. Começa a esboçar-se uma visão da avaliação como controlo e, deste modo, ainda que implicitamente dos seus efeitos escolares e sociais.

A visão que os alunos têm sobre a avaliação parece ser marcada por uma certa uniformidade, muito embora neste nível de escolaridade eles se confrontem com diferentes contextos de trabalho, uma vez que têm diversos professores. A emergência de uma tendência de uniformidade a partir de uma diversidade de contextos pode eventualmente ser decorrente do peso de uma cultura institucional de avaliação.

## O que pensam os alunos sobre a avaliação?

**Quando ouves falar de avaliação, qual a primeira ideia que te vem à cabeça?**  
(9º ano de escolaridade)

Rapariga (9º ano/Vila Real/nível 4)  
*Que posso ser avaliada em muitas coisas.*

Rapaz (9º ano/Vila Real/nível 2)  
*Não sei, estudar, talvez.*

---

Rapariga (9º ano/Portalegre/nível 5)  
*As notas.*

Rapariga (9º ano/Portalegre/nível 2)  
*As notas.*

---

Rapaz (9º ano/Porto/nível 5)  
*Testes.*

Rapaz (9º ano/Porto/nível 2)  
*Trabalho realizado no final do período.*

---

Rapariga (9º ano/Lisboa/nível 4)  
*Método de trabalho, estudo, esforço.*

Rapaz (9º ano/Lisboa/nível 2)  
*Avaliar o que se faz durante o período, avaliar a nossa capacidade.*

---

Neste ano a questão das notas e dos instrumentos para as obter constituem as imagens dominantes dos alunos. A ideia de avaliação resume-se a uma palavra que incide sobre o instrumento de avaliação – o teste –, ao momento em que é realizado – final do período – e ainda ao produto – as notas. Naturalmente que a tudo isto está implícito, porque de tão evidente não vale a pena referi-lo, a transição ou retenção de ano. Mais uma vez é ainda possível encontrar-se a ideia associada à avaliação da necessidade do aluno estudar e do esforço envolvido. Por último, e apesar de ser referido por apenas um aluno, parece poder-se falar numa relação entre a nota e a capacidade, isto é, a nota é reveladora não do trabalho desenvolvido, mas antes das suas capacidades, normalmente entendidas, numa cultura escolar, como características intrínsecas ao sujeito.

## O que pensam os alunos sobre a avaliação?

### **Quando ouves falar de avaliação, qual a primeira ideia que te vem à cabeça?** (11º ano de escolaridade)

Rapaz (11º ano/Vila Real/nota 18)

*O resultado de um período, avaliado quantitativamente.*

Rapariga (11º ano/Vila Real/nota 7)

*É a nota final do período.*

---

Rapaz (11º ano/Portalegre/nota 17)

*As notas. Sinto-me a ser avaliado quando o professor me observa e quando me manda ao quadro.*

Rapaz (11º ano/Portalegre/nota 10)

*É tudo, por exemplo os testes, responder à perguntas que o professor faz, fazer os trabalhos de casa e na aula.*

---

Rapariga (11º ano/Porto/nota 16)

*Notas dos testes, classificações.*

Rapariga (11º ano/Porto/nota 8)

*Notas e médias.*

---

Rapaz (11º ano/Lisboa/nota 19)

*Rigidez.*

Rapariga (11º ano/Lisboa/nota 8)

*Trabalho realizado pelo aluno nos testes, fichas e aulas.*

---

A associação da ideia de avaliação às notas e aos instrumentos que as sustentam acentuam-se um pouco neste ano de escolaridade, quando comparadas com as respostas dadas pelos alunos do 9º ano de escolaridade. Há, contudo, uma melhor compreensão da natureza do próprio processo de avaliação caracterizada por três aspectos essenciais: (i) tudo conta para a nota, o que o aluno faz na aula, fora dela, ou nos momentos formais de avaliação, resultando numa apreciação quantitativa; (ii) o aluno não tem controlo nenhum sobre este processo, a avaliação está totalmente na mão do professor/avaliador: “sinto-me avaliado quando o professor me observa e quando me manda ao quadro”; (iii) e a rigidez do próprio processo.

## O que pensam os alunos sobre a avaliação?

### **Quando ouves falar de avaliação, qual a primeira ideia que te vem à cabeça?**

(síntese)

Podemos dizer que, de acordo com as respostas dos alunos, a avaliação longe de ser uma realidade tangível é muito mais uma representação resultante da experiência que cada aluno constrói no seu contexto escolar. Os alunos têm ideias muito próprias, mas também por vezes heterogêneas da avaliação que se vão transformando a par com a sua progressão na própria escolaridade. No 1º ciclo, as representações dos alunos parecem ser influenciadas pelo professor e nos ciclos seguintes pela cultura institucional. Embora a ideia de avaliação como controlo surja desde logo, é nestes últimos ciclos que as notas como valor transaccional para a progressão nos estudos está mais presente.

As ideias dos alunos sobre a avaliação incidem preferencialmente sobre três aspectos: (i) o processo e instrumentos de avaliação, (ii) a necessidade de estudar induzida pela avaliação e ainda (iii) os resultados da avaliação, as notas. Quanto aos instrumentos de avaliação, podemos notar que apesar dos alunos mencionarem formas diversas de avaliação, o teste nas suas diferentes modalidades, mais formal ou menos formal, é aquele que atravessa todos os níveis de escolaridade e parece ter um peso importante na produção de informação. É também interessante notar que é no 4º ano e no 11º que se verifica uma visão mais alargada dos instrumentos usados na avaliação, chegando mesmo no 11º ano a dizer-se que “tudo serve para a avaliação”.

A associação que diversos alunos fazem entre a avaliação e a necessidade de estudar, que se pode encontrar desde o 4º até ao 9º ano de escolaridade, passando também pelo 6º ano, leva-nos a questionar até que ponto o saber é valorizado pelos alunos como um bem em si mesmo, ou apenas cumpre a função de criar condições propícias para se ter boas notas. Até que ponto não há uma inversão de valores, isto é, não é a avaliação que está subordinada à lógica do aprender, mas o contrário, aprende-se ou pelo menos estuda-se, por causa da avaliação. A avaliação parece funcionar assim como uma motivação externa para aprender, que ocorre em momentos precisos, determinados pelos momentos formais de avaliação, e não como algo que está intimamente relacionado com os processos de aprendizagem que tomam lugar no trabalho quotidiano.

A avaliação identificada com o seu resultado, as notas, traduz uma representação da avaliação como um processo essencialmente orientado para um balanço final do desempenho dos alunos, traduzido ou não de uma forma quantitativa. Este balanço, independentemente do momento em que ocorre, é visto como o estado de um trabalho finalizado e não em curso.

As visões que os alunos têm da avaliação, e apesar das diferenças apontadas, têm um traço comum, o de terem características de uma avaliação essencialmente sumativa, isto é, mais preocupada com a revelação do estado dos alunos e menos com a regulação dos processos de aprendizagem. O seu carácter desligado do processo de aprendizagem, mas ao mesmo tempo visto como um momento de prestação de contas e, como tal, indutor eventual de preparação para essa mesma prestação, pode desenvolver nos alunos uma visão redutora e utilitarista da necessidade do conhecimento e do desenvolvimento de competências. Esta é uma problemática que deve merecer a nossa atenção: até que ponto a escola está ou não a contribuir para desenvolver nos alunos uma perspectiva face ao conhecimento e ao trabalho contraditória com aquilo que é a sua missão social?

## O que pensam os alunos sobre a avaliação?

**Como é que achas que o teu professor de Matemática chega à nota de final de período?**

**(4º ano)**

Rapaz (4º ano/Vila Real/Bom)

*Óbvio, junta as notas das fichas de avaliação e também vê a nossa participação e vê a média. Também sei isto porque os meus pais também são professores.*

Rapariga (4º ano/Vila Real/Com dificuldades)

*Eu acho que a professora chama os pais e dá uma avaliação e no fim do 4º ano dá uma avaliação. A professora, se eu tiver satisfaz pouco, diz-me que eu tenho que estudar mais para ficar melhor a Matemática.*

---

Rapaz (4º ano/Portalegre/Bom)

*Com a correcção das fichas.*

Rapariga (4º ano/Portalegre/Com dificuldades)

*Com a maneira que a gente põe as contas*

---

Rapaz (4º ano/Porto/Bom)

*Não sei.*

Rapariga (4º ano/Porto/Com dificuldades)

*Vendo o que eu faço nas fichas.*

*(Segundo a aluna, na avaliação final do 2º período a professora escrevia que ela tinha que estudar mais, que se não estudasse mais, não passava)*

---

Rapaz (4º ano/Lisboa/Bom)

*Vê os erros das fichas e do que vai perguntando nas aulas. Se tiver muitos erros, dá uma nota baixa.*

Rapaz (4º ano/Lisboa/Com dificuldades)

*Vendo pelas coisas que eu fiz. Se fiz muitas erradas... poucas erradas... Se tiver muitos erros, dá Satisfaz Pouco.*

---

Podemos afirmar que, de acordo com as respostas dadas dos alunos, estes têm, na sua grande maioria, uma opinião sobre os procedimentos de avaliação desenvolvidos pelos seus professores (apenas um aluno afirma não saber). Há uma certa convergência nas opiniões expressas, nomeadamente no que diz respeito à forma como a informação avaliativa é produzida. Esta faz-se a partir de produções escritas, fichas, e assenta, essencialmente, na contabilização dos erros.

Há dois alunos que têm uma ideia mais global destes procedimentos, acrescentando a importância da participação na atribuição das notas.

É ainda de salientar que um aluno faz referência a uma dimensão de natureza mais formativa da informação final de período, quando afirma que o seu professor em função

dos resultados lhe dá orientações no sentido de superar as suas dificuldades, aconselhando-o a estudar mais.



## O que pensam os alunos sobre a avaliação?

**Como é que achas que o teu professor de Matemática chega à nota de final de período?**

**(6º ano)**

Rapaz (6º ano/Vila Real/nível 5)

*Eu acho que a professora chega à nota de final de período vendo a avaliação de cada aula que tinha registado na sua caderneta e vendo o trabalho, o comportamento, a assiduidade, se tem o caderno limpo, etc, de cada aluno e da turma.*

Rapariga (6º ano/Vila Real/nível 2)

*Por causa dos testes e do comportamento na aula.*

---

Rapaz (6º ano/Portalegre/nível 5)

*Trabalho na escola e casa, comportamento, assiduidade, sabedoria.*

Rapariga (6º ano/Portalegre/nível 3)

*Pelos testes, comportamento e trabalho de casa.*

---

Rapariga (6º ano/Porto/nível 5)

*Vai ver os testes, o comportamento, a participação e os trabalhos de casa.*

Rapariga (6º ano/Porto/nível 2)

*Pelo comportamento, pelas notas dos testes e da maneira como falamos aos professores (com educação ou não) e os conhecimentos que mostramos quando respondemos às perguntas da aula.*

---

Rapariga (6º ano/Lisboa/nível 5)

*O trabalho do aluno individual e em grupo e nessas áreas há mais a avaliar, como por exemplo, o comportamento nas aulas, os testes a participação. Na resolução de problemas não interessa só a solução, também conta o raciocínio. O trabalho individual tem mais peso.*

Rapaz (5º ano - repetente/Lisboa/nível 3)

*Pelo comportamento, pelas notas dos testes, pelo TPC e se levamos o material para a aula.*

---

Todos os alunos questionados têm uma opinião formada sobre os procedimentos avaliativos desenvolvidos pelo seu professor. A homogeneidade das respostas é bastante elevada, não se distinguindo diferenças entre alunos de diversas zonas do país ou de diferentes níveis de desempenho escolar.

É possível encontrarem-se diferenças quando comparadas estas respostas com as obtidas pelos alunos do 4º ano. Enquanto estes se confinam aos resultados das fichas e, quanto muito lhe acrescentam a participação, no 6º ano, segundo os alunos, a atribuição de uma nota no final do período resulta de um juízo avaliativo assente em diversas dimensões:

as notas obtidas anteriormente em produções escritas, testes; a participação; o comportamento; a assiduidade; os trabalhos de casa, etc.

## O que pensam os alunos sobre a avaliação?

**Como é que achas que o teu professor de Matemática chega à nota de final de período?**

(9º ano)

Rapariga (9º ano/Vila Real/nível 4)

*Pelo comportamento; maneira de estar na sala de aula; trabalhos de casa; testes, mas pouco.*

Rapaz (9º ano/Vila Real/nível 2)

*Vendo aquilo que eu faço durante o período: comportamento, participação, empenho, trabalhos de casa, testes.*

---

Rapariga (9º ano/Portalegre/nível 5)

*Por um conjunto de avaliações pequenas como os testes, os trabalhos de casa, o comportamento, a assiduidade e a atitude na aula.*

Rapariga (9º ano/Portalegre/nível 2)

*Através do que fizemos ao longo do período – comportamento, trabalhos de casa, assiduidade, participação e dos testes.*

---

Rapaz (9º ano/Porto/nível 5)

*Essencialmente pelas médias dos testes, pelo comportamento e pela participação na aula.*

Rapaz (9º ano/Porto/nível 2)

*Pela avaliação de parâmetros: comportamento, trabalho nas aulas, testes, assiduidade, pontualidade.*

---

Rapariga (9º ano/Lisboa/nível 4)

*Através dos conhecimentos que os alunos mostram nos testes e trabalho na aula.*

Rapaz (9º ano/Lisboa/nível 2)

*Tudo começa com os testes, depois há também o comportamento, a assiduidade e o desempenho nas aulas.*

---

A percepção que os alunos do 9º ano têm sobre os procedimentos avaliativos desenvolvidos pelo seu professor é em tudo idêntica ao que já tínhamos encontrado nos alunos do 6º ano. Por outras palavras, verifica-se uma grande convergência na forma dos alunos entenderem os processos avaliativos e a identificação da diversidade de dimensões consideradas nesses mesmos procedimentos.

Esta convergência de opiniões entre o 6º e o 9º ano poderá eventualmente ser explicada por uma certa homogeneidade nos discursos avaliativos dos professores destes dois níveis de ensino que, de acordo com a organização do sistema educativo, apresentam características muito mais próximas, quando comparados com o 1º ciclo,

nomeadamente, funcionarem no mesmo estabelecimento de ensino, no tipo de currículos, e na natureza quantitativa da informação de final de período.

É, contudo, de chamar a atenção para a voz de dois alunos que hierarquizam a importância das diferentes dimensões que contam para a nota final, atribuindo maior peso aos testes.

## O que pensam os alunos sobre a avaliação?

**Como é que achas que o teu professor de Matemática chega à nota de final de período?**

**(11º ano)**

Rapaz (11º ano/Vila Real/nota 18)

*Principalmente os testes (é sempre a principal fonte); actividades práticas e relatórios; e todo um trabalho diário na aula de Matemática.*

Rapariga (11º ano/Vila Real/nota 7)

*Pelo nosso comportamento; se fazemos os trabalhos de casa; pela nota dos testes e dos relatórios de grupo; e pelas nossas capacidades e aptidões.*

---

Rapaz (11º ano/Portalegre/nota 17)

*Eu sei exactamente como o professor faz, porque nos mostra como é. Tem uma tabela onde estão as notas dos testes, os trabalhos de casa, a participação, a assiduidade; depois usa uma fórmula e depois ajusta conforme estou a progredir ou a regredir.*

Rapaz (11º ano/Portalegre/nota 10)

*Através da participação na aula, dos testes, pontualidade, assiduidade e dos trabalhos que manda fazer.*

---

Rapariga (11º ano/Porto/nota 16)

*Notas dos testes, participação nas aulas.*

*Pelas capacidades de raciocínio e de cálculo que são demonstradas.*

Rapariga (11º ano/Porto/nota 8)

*Pela participação nas aulas e pelos testes.*

*A avaliação não se tem restringido apenas a testes, tem sido mais global.*

---

Rapaz (11º ano/Lisboa/nota 19)

*Atribui 80% aos testes, 10% a fichas e 10% à participação na aula.*

Rapariga (11º ano/Lisboa/nota 8)

*Através de uma análise do conhecimento do aluno tendo em conta as percentagens que dá aos testes, trabalhos realizados na aula e participação.*

---

Continua a verificar-se uma semelhança nas opiniões expressas pelos alunos, já anteriormente referida no 6º e 9º anos. Contudo, parece poder afirmar-se que os alunos do 11º ano têm uma ideia mais esclarecida e pormenorizada sobre a forma como os procedimentos são desenvolvidos pelo professor (aluno que descreve a existência de uma fórmula e outro que indica as diferentes percentagens).

Para além de uma ideia de múltiplas fontes de informação, tal como se tinha verificado anteriormente, agora de forma mais vinculada é possível encontrarem-se alunos que diferenciam o nível de importância das diversas dimensões enunciadas, atribuindo maior peso aos testes.

## O que pensam os alunos sobre a avaliação?

**Como é que achas que o teu professor de Matemática chega à nota de final de período?**

(síntese)

De acordo com as respostas dadas pelos alunos podemos afirmar que o processo desenvolvido pelo professor para chegar a um juízo avaliativo não constitui um “mistério”. É algo sobre o qual os alunos têm ideias, muitas vezes relativamente vagas quanto à forma como são concretizadas, mas suficientemente claras para as poder explicitar.

Encontramos um elevado consenso sobre a forma como os alunos pensam acerca dos procedimentos que os professores utilizam para chegar à nota final de período, pelo menos entre os alunos do 6º, 9º e 11º anos. Enquanto no 4º ano a explicação dominante se baseia fortemente na relação entre a nota e a quantidade de erros, nos anos seguintes parece haver uma ideia mais globalizante na produção das notas finais. É a partir do 6º ano que se encontram referências a diversas dimensões que são consideradas pelos professores para a atribuição de uma nota final: as notas obtidas nos trabalhos realizados na aula ao longo do tempo, muito em particular os testes; o comportamento do aluno face ao professor (disciplina) e face à escola (assiduidade, pontualidade); e o nível de resposta aos pedidos específicos do professor (participação, trabalho de casa, trazer material, ...). Muito embora haja uma certa unanimidade em termos do enunciado destas dimensões, como seria de esperar, é no 11º ano que parece encontrar-se uma maior clarividência ao nível da sua concretização, dos seus usos e dos seus pesos relativos.

Nos trabalhos realizados ao longo do tempo o que sobressai são essencialmente produções realizadas de modo individual e escritas. Se por um lado, tal parece coerente com a associação que os alunos fazem destas produções aos testes (momentos formais de avaliação, de natureza individual e escrita), por outro, leva-nos a questionar qual o valor que é assinalado aos alunos do trabalho em grupo e das capacidades de comunicação oral, aspectos estes considerados como importantes nas orientações curriculares do ensino da Matemática, em qualquer nível de ensino.

Embora no 4º ano, o erro assuma uma função estritamente contabilística, a associação entre a nota e a quantidade de erros desaparece por completo nos anos seguintes, dando lugar a uma visão mais global, mas provavelmente mais difusa, da forma como os professores chegam à nota final. Ora, deste modo, a avaliação produzida não parece poder ser vista ou servir aos olhos dos alunos como um momento reflexivo sobre o seu estado, em termos dos seus conhecimentos. O contributo da avaliação é assim nulo no que concerne à ultrapassagem ou superação das suas dificuldades. Note-se que nestes anos, a grande generalidade dos alunos não fazem referência às actividades matemáticas que vão desenvolvendo nas suas experiências matemáticas. Para eles, falar-se em avaliação é falar-se de instrumentos ou de dimensões. A avaliação não contribui, pelo menos de forma explícita, para a identificação do que é ou não importante na aprendizagem da Matemática. Poder-se-á, mesmo perguntar, o que há de particular nas respostas dos alunos que reportam ao facto de se ter referido na pergunta o professor de Matemática?

Finalmente, a imagem que os alunos traduzem sobre o processo de atribuição de notas no final do período é a de um processo que cabe inteiramente ao professor. Não surgem referências de nenhuma ordem sobre a co-avaliação, e mesmo a auto-avaliação está

praticamente omissa. Tal facto pode levar-nos a pensar que estas práticas, hoje assumidas, tanto nos normativos de avaliação, como nas orientações curriculares para o ensino da Matemática, estão ainda pouco generalizadas ou que, embora desenvolvidas, não surgem aos olhos dos alunos como verdadeiramente importantes para a decisão final do professor.

Leonor Santos  
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Jorge Pinto  
Escola Superior de Educação de Setúbal